

Pastore otimista: Brasil tem o "jumbo" fechado

Começam ações para que sejam cumpridas metas com o FMI

O governo planeja apertar mais o crédito das autoridades monetárias (Banco do Brasil e Banco Central), colocar mais títulos públicos depois de resolvido o impasse no mercado aberto, recolher mais papel-moeda emitido em dezembro a redobrar esforços para assegurar o melhor superávit de caixa do Tesouro Nacional que for possível.

Tudo isso, segundo fonte oficial, para assegurar o cumprimento das metas acertadas com o FMI e que constam do orçamento monetário, ou seja, queda de liquidez de 3,8%, expansão de 2% da base monetária e crédito interno líquido de Cr\$ 3,3 trilhões no primeiro trimestre do ano.

O governo não fará uma revisão formal no orçamento monetário, conforme a fonte, porque, primeiro, isso teria que passar pelo Conselho Monetário Nacional, e depois o efeito psicológico dessa medida seria péssimo para a credibilidade oficial, num momen-

to em que as autoridades ressaltam a necessidade de confiança para alcançar as metas pretendidas.

Assim, o que o governo fará é adotar medidas adicionais para assegurar as metas previstas para o primeiro trimestre. Uma fonte categorizada do Ministério da Fazenda, por exemplo, acredita que a redução de 3,8% dos meios de pagamentos em relação a dezembro é perfeitamente possível, lembrando que nos anos anteriores essa redução, no mesmo trimestre comparado ao final do ano anterior, foi 1,5 em 80, 8,1 em 81, 7,2 em 82 e 2,7 em 83.

Quanto a uma expansão da base monetária de apenas 2% até março, a fonte lembra os resultados dos últimos anos: queda de 4,3% no primeiro trimestre de 80, e de 0,2% em 81, mas expansão de 8% em 82 e de 7,6 no ano passado. A fonte sustenta que é perfeitamente possível, com alguns "acertos", garantir a expansão da base monetária de apenas dois por cento.



Pastore (segundo da esquerda) manteve reuniões com representantes do Citibank

Nova Iorque — O presidente do Banco Central do Brasil, Affonso Celso Pastore, disse-se ontem muito otimista com os progressos feitos nos últimos dias para conseguir um crédito de US\$ 6,5 bilhões de um consórcio de bancos e acrescentou que os acordos podem ser assinados até dia 16, para que o Brasil já receba a primeira quota de créditos até final do mês.

Pastore disse ainda, numa entrevista à imprensa, que o Brasil não precisará de mais créditos para este ano, visto que com os empréstimos do consórcio de bancos, as negociações em curso com o Clube de Paris e os entendimentos com o BID e o Banco Mundial, "teremos cobertas todas as necessidades". Nas conversações que presentemente mantém em Nova Iorque, Pastore afirmou já ter comprometido US\$ 6,35 bilhões. "Não vejo razão para que o processo de compromisso de fundos não termine na próxima semana", concluiu.

Formalidades

Observou que muitos bancos fizeram compromissos verbais e que agora as gestões são para formalizar esses compromissos.

Pastore afirmou ter havido uma mudança de atitude, especialmente por parte de bancos pequenos, inclusive de alguns que inicialmente se tinham recusado a participar do consórcio ou manifestado reservas e que agora aceitam unir-se aos outros cerca de 600 bancos para conceder créditos ao Brasil.

Pastore disse que, se o acordo for assinado no dia 16 — e não vejo motivos para que isto não aconteça — o Brasil já poderá receber a primeira quota no fim deste mês.

Quando lhe perguntaram se pensava renegociar as condições desses créditos, com juros mais baixos, como o fez o México, Pastore respondeu: "Não para este ano de 1984, pois já temos esse compromisso com os bancos".

Destacou que durante o ano de 1983, o México conseguiu um progresso notável em seu programa econômico e este resultado lhe permitiu renegociar com os bancos.

Disse então, que o Brasil conseguira um ajuste importante em sua economia em 1984 e que então poderá ser encarada a renegociação dos termos de pagamento. E, revelou que o Brasil não tem qualquer plano imediato para solicitar uma linha de crédito para financiar exportações.

Desmentiu que as conversações com a Grã-Bretanha para a concessão de um crédito semelhante tenham sido interrompidas porque o Brasil teria se recusado a permitir que aviões britânicos aterrissem em seus aeroportos no caminho para as Malvinas.

O presidente do Banco Central disse que há muitos bancos interessados em aumentar os créditos destinados ao Brasil para financiar trocas comerciais.

Sobre as gestões para obter um crédito interbancário no valor de US\$ 5,7 bilhões, Pastore disse que "já estamos quase ali", dando a entender que esta soma está quase conseguida.

Pastore disse que o panorama econômico se apresenta relativamente melhor pelas boas safras agrícolas que o Brasil está colhendo e, além disso, "não podemos negar que temos um severo programa de ajuste e de austeridade", disse ele.

Na opinião de Pastore, o primeiro semestre de 1984 será de "relativa recessão", mas no segundo semestre começará "uma recuperação suave" no Brasil.